

## A NARRATIVA DOS MOTIVOS EDÊNICOS E SUA ESTRUTURA

Gabriella Lima de Assis\*  
Claudionor Aguiar dos Santos\*\*

Em 1958 Sérgio Buarque de Holanda foi aprovado no concurso para a cadeira de História da Civilização Brasileira da Universidade de São Paulo, apresentando a tese intitulada *Visão do Paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. O objetivo do presente artigo é analisar a estrutura deste discurso histórico, no sentido de destacar o seu estilo historiográfico e as suas estratégias explicativas, utilizando como metodologia de análise a estrutura proposta por Hayden White em sua influente obra *Meta-História: A Imaginação Histórica do século XIX*, publicada em 1973.

Para o teórico e crítico Hayden White (2008: 18), o trabalho histórico pode ser definido como uma estrutura verbal na forma de um discurso narrativo em prosa. Nesse sentido, as histórias seriam a combinação de certa quantidade de dados, conceitos teóricos e uma estrutura narrativa. Para este autor, os historiadores operam em três níveis (explicação por implicação ideológica; explicação por elaboração de enredo; explicação por argumentação formal) com a finalidade de alcançar uma impressão explicativa em suas narrativas.

### **Explicação por implicação ideológica**

Uma das estratégias que direcionam a elaboração do discurso historiográfico é a explicação por implicação ideológica. Neste nível do discurso narrativo se localiza o elemento político assumido pelo historiador em relação as condições de seu mundo contemporâneo, tenha ele consciência disso ou não. Hayden White (2008: 36-37) conceitua ideologia como um “conjunto de prescrições para a tomada de posição no mundo presente da práxis social e a atuação sobre ele (seja para mudar o mundo, seja para mantê-lo no estado em que se encontra)”.

White apontou a presença de quatro modalidades de implicação ideológica no trabalho historiográfico: conservantismo, liberalismo, radicalismo e anarquismo. Segundo ele, o historiador evidencia sua preferência a uma ou outra posição ao atribuir tal ou qual valor à instituição social existente, como se lê no trecho abaixo acerca do que as ideologias representam:

---

\* Mestre em História pela UFMT. E-mail: gabriella.lima@gmail.com

\*\* Bacharel em Filosofia pela UFMT. Professor contratado do Dep. de Filosofia da UFMT. E-mail: claudiosan23@hotmail.com



Representam diferentes atitudes com respeito à possibilidade de reduzir o estudo da sociedade a uma ciência e à desejabilidade de fazê-lo; diferentes noções das lições que as ciências humanas podem ministrar; diferentes concepções da desejabilidade de manter ou mudar o status quo social; diferentes concepções da direção que as mudanças do status quo deve tomar e os meios de efetivar tais mudanças; e finalmente diferentes orientações temporais (uma orientação para o passado, o presente ou o futuro como repositório de um paradigma da forma 'ideal' de sociedade) (WHITE, 2008: 38).

Enquanto os conservadores e os liberais são resistentes em acreditar nas mudanças sociais, os radicais e os anarquistas apontam para as modificações estruturais da sociedade. Se os conservadores tendem a ver as mudanças sociais em analogia as mutações e adaptações biológicas, cujo ritmo é natural e lento, os liberais sugerem que as mudanças ocorrem no ritmo do “parlamento”, para os radicais as mudanças são iminentes, e os anarquistas acreditam, por um ato de autocontrole e autoconsciência, aniquilar as bases sobre as quais a situação vigente se institui e simultaneamente erigir uma nova relação entre os indivíduos.

A partir dessas caracterizações, parece predominar na concepção história de Sérgio Buarque de Holanda a ideologia radical. A seguir, com a análise do texto prefacial pode-se ver com mais clareza o posicionamento ideológico do autor.

Em relação a concepção de História de Sérgio Buarque de Holanda, se ela não estava totalmente clara na apresentação da tese e também na primeira versão do livro, dez anos mais tarde, na elaboração desse *Prefácio à Segunda Edição*, o autor destacou criticamente o seu entendimento da profissão do historiador, apontou qual era a sua visão acerca da função social da História e demarcou muito bem sua interpretação da História. No fragmento de texto a seguir, utilizando a metáfora do taumaturgo e do exorcista, Holanda criticou um tipo específico de produção historiográfica e demonstrou a sua concepção de história:

Esta espécie de Taumaturgia não pertence, em verdade, ao ofício do historiador, assim como não lhe pertence o querer erigir altares para o culto do Passado, desse passado posto no singular, que é palavra santa, mas oca. Se houvesse necessidade de forçar algum símile, eu oporia aqui à figura do taumaturgo a do exorcista. Não sem pedantismo, mas com um bom grão de verdade, diria efetivamente que uma das missões do historiador, desde que se interesse nas coisas do seu tempo – mas em caso contrário ainda se pode chamar historiador? –, consiste em procurar afugentar do presente os demônios da história. Quer isto dizer, em outras palavras, que lúcida inteligência das coisas idas ensina que não podemos voltar atrás e nem há como pretender ir buscar no passado o bom remédio para as misérias do momento que corre (HOLANDA, 2010: 22).



A partir desse fragmento é possível estabelecer dois tipos opostos de produção historiográfica, o primeiro tipo relaciona-se com uma produção “tradicional” e o segundo tipo com uma produção “moderna”. Enquanto a história tradicional seria aquela cujo tratamento do passado é como a atividade de um taumaturgo, envolto em práticas místicas, erigindo altares ao passado, cultuando práticas antigas e procurando “curas” para o presente no passado, a produção histórica moderna para Buarque de Holanda seria caracterizada pelo rompimento, no qual o passado não cumpre mais a função de modelo, semelhante a prática de um exorcista, ao historiador caberia afugentar do presente os demônios da história que não permitem avançar.

Vale reforçar que para o teórico Hayden White (2008: 36), toda concepção de história é também acompanhada por implicações ideológicas. Assim, nos termos de Hayden White, pode-se dizer que a concepção histórica de Sérgio Buarque de Holanda apresenta os aspectos de uma ideologia radical, pois propõe ruptura e mudanças em relação ao passado. Para White, historiadores cuja concepção de História é radical acreditam na necessidade de mudanças estruturais visando reconstituir a sociedade sobre novas bases. Nesse sentido, os radicais procuram entender as leis das estruturas, bem como os processos históricos.

### **Explicação por elaboração de enredo**

O 3º Colóquio UERJ (1992) sobre o universo intelectual de Sérgio Buarque de Holanda contou com a participação de alguns dos seus intérpretes como Francisco Iglésias, Antônio Carlos Peixoto, Antônio Candido de Melo e Souza, Fernando Novais, Antônio Arnoni Prado, Flora Süssekind e Luiz Antonio de Castro Santos.

Particularmente, o comentário de Fernando Novais (1992: 106) interessa devido a sua observação em relação aquilo que norteou o pensamento histórico de Buarque de Holanda. Após discutir a trajetória de pesquisa e sua passagem das Ciências Sociais para a História, Fernando Novais afirmou enfaticamente que não há um Sérgio Buarque “jovem” que possa contrapor-se ao “maduro”, nem aquela linearidade evolutiva pretendida por muitos historiadores. Haveria, ao contrário, unidade, fornecida por uma problemática que se constituiu precocemente:

A minha impressão é que Sérgio Buarque teve certos problemas que formulou muito cedo e em torno dos quais girou permanentemente. Na realidade, variava a abordagem. [...]. Ora atacando este aspecto, ora aquele, mas sempre havia uma certa unidade que era enfrentada de vários ângulos. Mas que unidade era esta? [...] É possível tentar apanhar essa unidade [...] é a questão da identidade [...] a identidade nacional brasileira, este é o eixo que articula todo o conjunto e que está posto

maravilhosamente no 1º parágrafo de Raízes do Brasil, quando afirma que somos estrangeiros em nossa própria terra. Ele sempre procurou entender isso (NOVAIS, 1992: 106)

A temática sugerida como norteadora das pesquisas históricas de Sérgio Buarque de Holanda, “a identidade nacional brasileira”, usualmente gera narrativas românticas ou épicas. White (2008: 24) definiu o enredo de uma história romanesca como um drama associado a ideia do herói, que por sua vez traz consigo a noção de redenção. Contudo, ao se basear em uma concepção histórica ideologicamente radical, a escrita de Buarque de Holanda desenhou-se de uma forma menos otimista do que as versões românticas, o que nos permite apontar o elemento satírico sendo o enredo como predominante.

A elaboração do enredo é a via pela qual uma sequência de eventos modelados numa estória gradativamente se revela como sendo uma estória de um tipo determinado. Na análise de Hayden White (2008: 23) acerca da consciência histórica do século XIX, o historiador Michelet elaborou suas histórias no modo romanesco, Ranke no modo cômico, Tocqueville utilizou o modo trágico e Buckhardt usou a sátira. Sendo assim, enquanto Michelet e Ranke encararam a história como uma estória que se desenvolve gradativamente, Tocqueville concebeu-a como um intercâmbio entre elementos irreconciliáveis da natureza humana e da sociedade, para este a história avançava para a colisão de grandes forças no presente ou no futuro próximo, e para Buckhard, que não via nada em desenvolvimento, as coisas coalesciam de modo a formar um tecido de maior ou menos brilho e intensidade, maior ou menos liberdade ou opressão, maior ou menor movimento.

De maneira mais específica, para o teórico Hayden White (2008: 25) o enredamento satírico corresponde a uma espécie diferente de restrição às esperanças, possibilidades e verdades da existência humana apresentadas na estória romanesca, na comédia e na tragédia. A sátira trata ironicamente as esperanças, as possibilidades e as verdades, ela pressupõe uma inadequação última das visões do mundo representadas pelos demais gêneros. Como consta, a sátira “observa essas esperanças, possibilidades e verdades ironicamente, na atmosfera gerada pela percepção da inadequação última da consciência para viver feliz no mundo ou compreendê-lo plenamente”. Ela é ultrarealista. Daí a contraposição entre estória romanesca e sátira. Na primeira a existência é idealizada: há a vitória do bem contra o mal, enquanto na estória satírica, porém, desce-se do mundo idealizado à experiência concreta, sem vitória do bem sobre o mal e, mais que isso, sem essa polarização de forças, assim o ceticismo faz parte das caracterizações do mundo em enredos vazados no modo satírico.

Segundo o teórico, em uma mesma narrativa historiográfica pode haver, em partes, o

emprego de mais de um modo de enredo; entretanto, deve haver um que predomine no texto tomado como um todo. A seguir pode-se verificar como o enredo satírico predomina ao longo da narrativa dos capítulos de *Visão do Paraíso*.

Dividido em doze capítulos – 1.Experiência e Fantasia; 2.Terras Incógnitas; 3.Peças e Pedras; 4.O “Outro Peru”; 5.Um Mito Luso-brasileiro; 6.As Atenuações Plausíveis; 7.Paraíso Perdido; 8.Visão do Paraíso; 9.Voltando a Matusalém; 10.O Mundo Sem Mal; 11.*Non Ibi Aestus*; 12.América Portuguesa e as Índias de Castela – encontramos na obra *Visão do Paraíso* uma narrativa importante da nossa historiografia, grandiosa tanto pela riqueza das notas quanto pelo levantamento das fontes, e principalmente pela estrutura da escrita, que reflete a tentativa de Buarque de Holanda de superar as explicações tradicionais da história da colonização do Brasil.

À primeira vista, como o próprio título da obra parece sugerir, *Visão do Paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil* trata somente da maneira pela qual a busca pelo Éden influenciou a expansão marítima portuguesa e colaborou para a construção de uma imagem edênica das terras brasileiras por parte dos colonizadores. Porém, para além dessa impressão antecipada, o foco de Sérgio Buarque de Holanda esteve também em apresentar as especificidades da cultura de navegação e colonização lusitana, como também espanhola, por meio da análise de idéias religiosas ou míticas presentes nas crônicas das viagens e expedições, com a finalidade de verificar até que ponto os motivos edênicos ligam-se aos motivos que presidiram a ocupação do Novo Mundo e de certa forma explicam também o passado e o presente brasileiros.

O primeiro capítulo, *Experiência e Fantasia*, é uma apresentação das teses que o autor desenvolveu ao longo da obra. Ele inicia com a constatação da existência de uma diferença básica entre portugueses e espanhóis. Enquanto nestes parece predominar a fantasia, os mitos mais ousados as induções audaciosas e também as delirantes imaginações, as literaturas de viagens dos portugueses são mais comedidas, fazem referência a observação e a experiência. Nesta parte, Holanda (2010: 36) argumenta que entre os portugueses, inclusive nas suas artes medievais predomina o pedestre realismo, onde “até as figuras de anjos parecem renunciar ao voo, contentando-se com gestos mais plausíveis e tímidos”.

Neste primeiro capítulo, Holanda diferencia também a mentalidade medieval do pensamento humanista do Renascimento. Na tese do autor,

O que, ao primeiro relance, pode passar por uma característica “moderna” daqueles escritores e viajantes lusitanos – sua adesão ao real e ao imediato, sua capacidade, às



vezes, de meticulosa observação, animada, quando muito, de algum interesse pragmático – não se relacionaria, ao contrário, com um tipo de mentalidade já arcaizante na sua época, ainda submisso a padrões longamente ultrapassados pela tendência que governam o pensamento dos humanistas e, em verdade, de todo o Renascimento? (HOLANDA, 2010: 36)

Ainda no primeiro capítulo, Holanda reforça sua tese acerca dos portugueses argumentando que mesmo durante a colonização das terras africanas e as demais viagens marítimas ao Oriente, conservaram em seus cronistas muito mais as atitudes de “exorcistas” em detrimento das imaginações criativas, como podemos ver a seguir:

A exploração pelos portugueses da costa ocidental africana e, depois, dos distantes mares e terras do Oriente poderia assimilar-se, de certo modo, a uma vasta empresa exorcística. Dos demônios e fantasmas que, através de milênios, tinham povoado aqueles mundos remotos, sua passagem vai deixar, se tanto, alguma vaga ou fugaz lembrança, em que as invenções mais delirantes só aparecem depois de filtradas pelas malhas de um comedido bom-senso (HOLANDA, 2010: 48).

O segundo capítulo, *Terras Incógnitas*, ocupou-se de alguns mitos e concepções presentes na colonização da América espanhola. Para Holanda (2010: 53), Colombo demonstrava realmente acreditar que “as novas Índias, para onde o guiara a mão da Providência, se situavam na orla do Paraíso Terreal”.

Como consta neste capítulo, a tópica das “visões do paraíso” impregnou de magias e lendas as muitas descrições sobre o Novo Mundo feitas por Cristóvão Colombo. Entre as imagens presentes nestas descrições e que foram elencadas por Holanda (2010: 54-60), no livro estão as figuras do rouxinol canoro, típico também da tradição literária renascentista, as imagens de homens caudatos, das sereias e das amazonas, como também a imagem de uma fonte da juventude onde os velhos revigoram e remoçam.

Buarque de Holanda (2010: 58) atestou neste segundo capítulo que algumas descrições do paraíso excedem o cristianismo e acrescentam as figuras mitológicas e lendárias que citamos. Como podemos ver no fragmento de texto selecionado abaixo, mesmo que a noção de paraíso terrestre esteja vinculado as leituras e interpretações do texto bíblico de Gênesis, existiram também outras tradições:

A frequência com que até em mapas e itinerários surgem essas figuras indefectivelmente vinculadas à paisagem edênica faz crer que correspondessem a um sentir geral, porventura nascido de tradições anteriores ou alheias à própria difusão do cristianismo (HOLANDA, 2010: 58).

No terceiro capítulo, *Peças e Pedras*, Buarque de Holanda (2010: 85) destacou

aqueles mitos edênicos que descreviam a presença de metais preciosos nas terras americanas. Além mito do Dourado nascido nas Índias de Castela, o ator falou também sobre como o metal amarelo aparecia nos relatos quinhentistas, bem como acerca da cobiça e da ambição das expedições em busca da região do “outro” Peru e de Potosi, inclusive em território brasileiro.

Vale a pena reforçar que neste terceiro capítulo há uma retomada de alguns aspectos já tratados na obra *Caminhos e Fronteiras*. Ao falar das estradas e monções na época do Brasil colonial, Buarque de Holanda ressalta mais uma vez a participação paulista neste processo. De acordo com o trecho a seguir, a primazia de São Paulo relacionava-se com a ligação da sua população com os índios e o ambiente de sertão:

Por outro lado, essa maior familiaridade dos paulistas, mormente dos mamelucos paulistas, com o sertão e o índio, deve ter sido uma das causas – e não era, com certeza, a única – de se ter transferido para a capitania sulina o núcleo principal das pesquisas minerais. Das entradas que lá se efetuavam, menos por obrigação imposta aos moradores do que por uma necessidade comezinha, pois delas esperavam remédio para sua pobreza, teria nascido a idéia de que pouco faltava para se encontrarem, por via, os cobiçados tesouros (HOLANDA, 2010: 102).

O quarto capítulo, *O “outro Peru”*, Holanda (2010: 120) ocupou-se de algumas visões clássicas do paraíso cujo fundamento estava nas “narrativas que os conquistadores ouviram ou quiseram ouvir dos indígenas”. Para Buarque de Holanda, as vagas notícias colhidas dos indígenas sobre a presença de gemas preciosas alimentava ainda mais os mitos acerca da proximidade do Novo Mundo com o horto santo. Com frequência aparecia nessas visões do Paraíso Terreal as áureas serras, as montanhas de esmeraldas, os rios cujas águas correntes de longe eram possíveis de se ouvir, as miragens de Potosi e as muitas minas do Peru.

De acordo com Buarque de Holanda, os tesouros das terras sob posse espanhola impulsionaram por muito tempo os portugueses em uma busca pelo próprio Peru. Na verdade, o Peru construído no imaginário ibérico era tão intenso que o governador da capitania de São Vicente, D. Francisco de Souza, pretendeu concretizar o sonho de fazer do Brasil um outro Peru. Para Holanda (2010: 158) “essa idéia obsessiva há de levá-lo, em dado momento, ao ponto de querer até introduzir lhamas andinas em São Paulo”.

No quinto capítulo, *Um Mito Luso-Brasileiro*, Buarque de Holanda tratou especificamente de mito cultivado entre os portugueses, mas que acabou por repercutir do Brasil para as regiões do Paraguai, do Peru e do Prata. O mito de São Tomé referia-se a



crença de que este apóstolo de Jesus esteve em partes do Extremo Oriente, e também no Novo Mundo, onde suas pegadas puderam inclusive ser vistas.

Segundo Buarque de Holanda, a primeira versão acerca da presença de São Tomé na América encontra-se em um registro da *Nova Gazeta Alemã* da viagem de d. Nuno Manuel, Cristóvão de Haro e outros à ilha da Madeira. Segundo este registro:

Contava a existência naquela consta de um gente de muito boa e livre condição, gente sem lei, nem rei, a não ser que honram entre si os velhos. Contudo aquelas paragens tinha chegado a pregação evangélica e dela se guardava memória entre os naturais. Eles tem recordação de são Tomé, diz o texto. E adianta: Quiseram mostrar aos portugueses as pegadas de são Tomé no interior do país. Indicam também que tem cruzes pela terra adentro. E quando falam de são Tomé, chamam-lhe o Deus pequeno, mas que havia outro Deus maior. No país chamam frequentemente a seus filhos Tomé”. (HOLANDA, 2010: 175-176).

Ainda neste quinto capítulo, Buarque de Holanda explicou que a expansão de crença em Sumé, como ficou conhecido no Brasil aquele apóstolo, estava relacionada com a ação de missionários católicos, que muito comumente associava algumas tradições cristãs as crenças de origem indígena.

O sexto capítulo, *As Atenuações Plausíveis*, inicia-se com a afirmação de que a tendência das lendas, mitos e crenças existentes nas conquistas castelhanas ao penetrarem na América Lusitana é serem atenuadas e ofuscadas. Buarque de Holanda (2010: 210) comprova inclusive que naqueles relatos de origem portuguesa nos quais nos deparamos com descrições de tom mágico, na verdade referem-se a trechos muitas vezes transcritos de depoimentos alheios, ou seja “neste como em outros casos limita-se o jesuíta português a redizer, às vezes com palavras idênticas, o que já antes dele tinham afirmado cronistas ilustres”.

Nestes seis primeiros capítulos, Buarque de Holanda preocupou-se em estabelecer o quadro de eventos da qual sua narrativa fala. Depois de apresentar sua tese sobre a modernidade portuguesa e a maneira que a colonização lusa ocorreu, o autor utilizou as suas muitas fontes tomadas como referenciais e apresentou os eventos selecionados em um enredo predominantemente satírico, uma vez que mesmo quando o autor tratou sobre os muitos navegadores europeus, suas formas de pensar e seus feitos, não o fez de forma idealizada, ressaltando ou evidenciando as ações deles de forma heróica, mas apresentou o contexto histórico dos mitos recorrentes demonstrando de fato o que governava, na realidade, o comportamento daquela sociedade.

Para justificar essa análise do enredo de *Visão do Paraíso* como satírico pode-se também demonstrar como a narrativa elaborada por nosso autor não contempla as



características das demais formas de enredamento estabelecidas pelo teórico White.

Sem narrar a vitória do “bem” sobre o “mal”, sem destacar determinado personagem tradicionalmente narrado como herói, sem descrever os eventos colocando em evidência polarizações de forças, exclui-se a elaboração de um enredo romanesco e também trágico, a medida que não houve também a descrição de condições inalteráveis sobre as ações humanas se deram, ao contrário, verifica-se a tentativa por parte do autor, de descrever de forma contextualizada já nesses seis primeiros capítulos as motivações reais que impulsionaram os navegadores ibéricos em suas ações e realizações.

Na verdade, nesses primeiros capítulos pode-se perceber que a comparação entre os portugueses e os espanhóis, entre o pensamento medieval e as idéias do Renascimento, entre os mitos edênicos europeus e aqueles que circularam nas terras americanas, como também entre o cristianismo europeu e as crenças indígenas, exerceu no enredo elaborado pelo autor o papel de elemento enriquecedor das descrições e não de elemento que demonstra conflitos a serem resolvidos. Assim, podemos excluir também o enredo cômico, pois não houve momentos de conciliação entre as situações históricas comparadas pelo autor.

### **Explicação por argumentação formal**

A explicação dos motivos pelos quais os fatos narrados aconteceram de determinada maneira se pauta em generalizações que tendem a integrar ou a dispersar os eventos apresentados no enredamento, e é exatamente isso que confere ao relato diferentes formatos argumentativos, em que é possível distinguir quatro tipos: formismo, organicismo, contextualismo e mecanicismo.

Segundo White (2008: 29) o formismo consiste em uma busca pela singularidade dos objetos em investigação, ou seja, “a tarefa da explicação histórica consiste em dissipar a percepção das similaridades que parecem ser partilhadas por todos os objetos”. Sendo isso, essa estratégia explicativa está presente naquelas produções historiográficas que descrevem demasiadamente os fenômenos do campo histórico. O modo formista representa o mais alto grau de dispersão em suas análises entre as explicações formais mencionadas por Hayden White.

No organicismo o historiador tende a ver as entidades individuais como componentes de processos que agregam em totalidades, que são maiores ou qualitativamente diferentes da soma das suas partes. Não há leis universais que regem a história, mas princípios ou idéias que norteiam os processos e que estão presentes tanto nos eventos tomados isoladamente como no processo como um todo.



O modo de argumentação mecanicista identifica leis de caráter universal, capazes de explicar o passado e o presente. Neste tipo de argumentação formal, as leis causam tais ou quais contextos. De acordo com Hayden White (2008: 33), após encontrar as leis que governam a história, o historiador mecanicista “aplica essas leis aos dados de modo a tornar suas configurações compreensíveis como funções dessas leis”. White usa a conhecida relação entre a Superestrutura e a Infraestrutura, formulada por Marx, como exemplo de explicação por argumentação formal do tipo mecanicista, cujas transformações nas relações materiais de produção e existência (Infra-estrutura) condicionam as transformações nas instituições sociais e culturais (Superestrutura), mas que a relação contrária ou inversa não prevalece.

Na teoria de White (2008: 33), argumentos contextualistas são aqueles que buscam uma integração dos fenômenos discernidos em províncias finitas de ocorrência histórica com tendências de gerais e períodos e épocas. O contextualista, depois de isolar qualquer elemento do campo histórico como assunto de estudo, passa a escolher os fios que o ligam a diferentes áreas do contexto. Segundo White, esses “fios” são, depois de identificados, esticados no espaço natural e social circundante dentro do qual ocorreu o evento, e no tempo com a finalidade de determinar seu impacto e influência sobre os eventos subsequentes.

A fim de explicar um pouco o funcionamento da organização dos argumentos de uma narrativa na perspectiva contextualista, Hayden White apontou que esta estratégia estabelece certa sincronia do processo histórico, como vemos no fragmento de texto abaixo:

O “fluxo” do tempo histórico é encarado pelo contextualista como um movimento ondulatório em que certas fases ou culminâncias são consideradas intrinsecamente mais significativas do que outras. A operação de estender os fios de ocorrência de modo a permitir o discernimento de tendências no processo sugere a possibilidade de uma narrativa em que as imagens de desenvolvimento e evolução pudessem predominar. Mas, na realidade, as estratégias explicativas contextualistas inclinam-se mais para as representações sincrônicas de segmentos ou seções do processo, certos cortes, por assim dizer, a contrapelo do tempo (WHITE, 2008: 34)

Em conformidade com as características do discurso historiográfico a partir de dos padrões de argumentação citados, temos que a forma argumentativa dada por Sérgio Buarque de Holanda a sua narrativa em *Visão do Paraíso* baseou-se no modo contextualista. Na análise dos fragmentos de texto a seguir justifica-se essa escolha.

Nos capítulos sete e oito, Buarque de Holanda tratou mais especificamente da explicação da sua tese. Nestes capítulos é possível compreender a genealogia dos motivos edênicos e como a mentalidade medieval influenciou a visão dos navegadores e viajantes sobre os novos mundos.

No sétimo capítulo, *Paraíso Perdido*, Buarque de Holanda tratou de forma mais específica da formação da idéia medieval sobre o paraíso terrestre. Em sua tese, a esperança existente de que as portas do Éden não estariam definitivamente fechadas, sendo possível a crença na realidade física e atual do paraíso terrestre, teve como seu ponto de partida, naturalmente, o livro bíblico de Gênesis e

Em seguida, de traços oriundos do Apocalipse e, depois, de novos e sucessivos atributos tomados geralmente às crenças do paganismo, irão engastar-se pouco a pouco os juízos interpretativos dos padres da Igreja e dos teólogos, para formar, finalmente a idéia medieval do Paraíso Terrestre. (HOLANDA, 2010: 229)

Entre os viajantes citados no texto que aludem ao paraíso presente materialmente em alguma parte da terra, e que tentaram chegar até ele, podemos destacar Cristóvão Colombo, cujos relatos dizem sobre a localização no continente americano do paraíso terreal. Segundo Colombo (apud HOLANDA, 2010),

Aquilo que se achava deste hemisfério e da sua feitura, e creio, se passasse por debaixo da linha equinocial, que ali chagando, neste lugar mais alto, achara maior temperança e diversidade de estrelas e as águas, não porque acredite que onde se acha a altura extrema seja possível navegar-se ou seja possível subir até lá, pois creio que lá está o Paraíso Terrestre, onde ninguém pode chegar, salvo por vontade divina. (HOLANDA, 2010: 239)

Neste sétimo capítulo, Buarque de Holanda referiu-se também aos textos cuja popularização durante o período medieval ajudou a difusão da crença no paraíso terrestre. Entre estes textos estão aqueles que foram resultado da junção da cultura cristã com cultura pagã, como a mitologia céltica irlandesa e gaélica. Segundo Holanda (2010: 257-258), a história do *Purgatório de São Patrício* juntamente com a história da *Visão de Ttungdal* e da *Navigatio Sancti Brandani* são exemplos de um notório sincretismo presente na imaginação popular europeia até o século XVIII.

Acerca da imaginação desses viajantes cujos relatos descreveram um panorama edênico encontrado pelos navegantes ao aportarem nas terras americanas, Buarque de Holanda reforçou que se tratava, na verdade, de uma concepção medieval que contribuiu para consolidar uma fantasia coletiva, como vemos a seguir:

Presos como se achavam aqueles homens, em sua generalidade, a concepções nitidamente medievais, pode supor-se que, em face das terras recém-descobertas, cuidassem reconhecer, com os próprios olhos, o que em sua memória se estampara das paisagens de sonhos descritas em tantos livros e que, pela constante reiteração dos mesmos pormenores, já deveriam pertencer a uma fantasia coletiva

(HOLANDA, 2010: 262)

Buarque de Holanda desenvolveu com mais clareza a sua tese acerca da passagem da Idade Média para a Idade Moderna no capítulo oitavo, *Visão do Paraíso*, que por sua centralidade na compreensão de seu discurso leva o título geral da obra. Para o autor não ocorreu uma abrupta ruptura com o Renascimento, como explicou, na verdade muitos elementos medievais como a visão do paraíso permaneceram e ganharam força no decorrer da modernidade. Nesse sentido, o Humanismo e o Renascimento adquirem conotações diferentes daquelas postas tradicionalmente pela historiografia.

O trecho a seguir pontua de forma mais clara o posicionamento de Buarque de Holanda nesse debate historiográfico:

A noção de que existiria uma fratura radical entre a Idade Média e o Renascimento, e é em suma a noção básica de Burchkhardt\*, tende a ser superada em grande parte da moderna historiografia pela imagem de uma continuidade ininterrupta. Mas precisamente a teoria da continuidade vem reforçar a importância desses momentos que se diriam crepusculares, momentos, no caso, em que a tese da produtividade inexaurível, quase orgiástica, do homem e da Natureza é ainda, ou já é, sofreada por hesitações e titubeios.(HOLANDA, 2010:279)

Nesse sentido, a pesquisa realizada por Buarque de Holanda sobre os motivos edênicos no “descobrimento” e colonização do Brasil lhe comprovou que o português que chegou ao Brasil estava muito mais apoiado em dogmas do passado do que no poder das inovações. Podemos dizer que para o nosso autor, “a ruptura entre a Idade Média e o Renascimento não era aplicável às circunstâncias histórias específicas da península ibérica nos séculos XV e XVI.

Na análise destes capítulos vemos que Buarque de Holanda não só contextualizou seu objeto de estudo, os motivos edênicos na colonização ibérica, como justificou a sua interpretação acerca da transição do período medieval para o período moderno. Desta forma, podemos dizer também que para confirmar suas hipóteses e justificar sua tese, Buarque de Holanda argumentou de modo contextualista. Depois de identificar os mitos edênicos, nosso autor percorreu os “fios” que os ligavam a diferentes áreas do contexto medieval, a partir disso ele conseguiu determinar o impacto e a influência de seu objeto de estudo sobre os eventos subsequentes, como podemos perceber na análise dos quatro últimos capítulos que se seguem.

Um dos elementos muito presente nas descrições quinhentistas do Brasil foi a

---

\* A edição de 2010 pela Companhia das Letras conservou a redação errônea do sobrenome do historiador Jacob Christoph Burckhardt, como consta no texto original da tese.



longevidade dos indígenas, que é o assunto do nono capítulo, *Voltando a Matusalém*. Segundo Buarque de Holanda (2010: 357), a longevidade dos naturais da terra haveria de tornar-se quase lugar-comum por intermédio de Américo Vespúcio na literatura do século XVI sobre a América lusitana.

Buarque de Holanda cita que na carta Bartolozzi redigida em 1502, Vespúcio registrou, sendo muito mais sóbrio e objetivo do que Colombo, a existência de indivíduos que contavam até quatro gerações sucessivas de indivíduos, chegando aos mais de 100 anos, como podemos verificar no trecho selecionado abaixo:

O cômputo pretende basear-se na suposição de Vespúcio de que os índios do Brasil contavam o tempo em meses lunares, e também de que valiam de pequenas pedras quando queriam indicar as idades. Assim, um deles mostrou-lhes, com o auxílio de tais pedras, que vivera 1700 lunares, total esse que deveria equivaler, na base, ao que se pode presumir, de treze lunares por ano, àquela soma de 132 ou pouco menos (HOLANDA, 2010: 357)

O assunto tratado no décimo capítulo, *O Mundo Sem Mal*, é a exaltação das terras do novo mundo presente nas narrativas de viagens. Segundo consta, predominava nestas literaturas a idéia de que as terras encontradas eram na verdade resguardadas de qualquer tipo de mal, nelas não havia calamidades, pestes, enfermidades ou influências malignas. O efeito desse conjunto de características das terras americanas era a longevidade dos índios, já visto no capítulo anterior.

O escorbuto era uma das pestes que os navegantes estavam sujeitos a bordo das embarcações. A alimentação deficiente provocava o surgimento de muitas doenças, no entanto existia expectativa da cura assim que conseguissem chegar em terra firme. No trecho a seguir podemos ver como era essa crença:

A certeza, alcançada já quase ao início dos grandes descobrimentos marítimos, se não antes, de que as pestilências de bordo prontamente desapareciam ao contato de certas terras privilegiadas parece esclarecer de modo satisfatório uma das noções que, desde cedo, formaram os europeus da natureza e temperamento de algumas das regiões recém-descobertas, em remotos continentes, mormente no Novo mundo. Nada mais fácil do que deduzir dessa certeza, apoiada em experiências numerosas, que o bom efeito das escalas feitas nesta ou naquela região é o melhor atestado do bom clima, das boas águas, até das boas e ditosas constelações que ali prevalecessem (HOLANDA, 2010: 396)

Prosseguindo no mesmo assunto, o décimo primeiro capítulo, *Non Ibi Aestus*, trata da imagem construída pela literatura dos viajantes do clima ideal existente nas terras americanas. Além disso, o capítulo trata também acerca de outras opiniões vigentes sobre o novo mundo,

que “desmoronaram” pela verificação, como vemos no trecho abaixo:

Esse desmoronar-se de uma sabedoria tradicional, reduzida agora à proporção das “muitas ignorâncias” de que tratara Pedro Nunes, teve suas conseqüências mais fecundas e verdadeiramente revolucionárias, precisamente com o desaparecimento de opiniões falazes que se haviam formado acerca do clima tropical, campo imenso que desse modo se abriu à expansão dos europeus e cristãos. Tal possibilidade, alentando ainda mais o súbito abandono de certezas tranqüilas, é que levaria muitos a abraçar com zelo pressuroso as novas “verdades” acerca daqueles mundos remotos, como se, com tão exaltado fervor, devessem compensar tão prolongado erro. De sorte que vinham facilmente a substituir a segurança dos antigos no negar a hospitalidade da zona tórrida, pela ênfase no afirmá-lo e gabá-la, não se cansando de muitos em entoar hinos à singular bondade de sua natureza, à salubridade dos seus ares e, afinal, à excelência suprema de seu clima (HOLANDA, 2010: 407-408).

No capítulo conclusivo, *América Portuguesa e Índia de Castela*, Buarque de Holanda retoma rapidamente a trajetória de sua escrita e os objetivos da sua tese para então apresentar alguns apontamentos tendo em vista estabelecer as suas considerações finais.

Sobre os portugueses quinhentistas, Buarque de Holanda fala da reduzida sedução entre eles de tais motivos edênicos no contato dos novos mundos, e ainda lança a hipótese para esse relativo desapego de certas formas e imagens tradicionais. Segundo Holanda (2010: 444), a suposta aparência moderna da monarquia portuguesa prematuramente centralizada talvez tenha servido para resguardar traços medievais da sociedade e mentalidade portuguesa, ao invés de dissipar.

Para Holanda, como podemos ver no fragmento de texto selecionado abaixo, a obra ultramarina dos portugueses foi tradicionalista:

O fato é que desse conservantismo intrínseco, e tanto mais genuíno quanto não é em geral deliberado, parecem ressentir-se as atividades dos portugueses mesmo nas esferas em que chegaram a realizar obra pioneira. Se é certo, por exemplo, que foram eles os iniciadores na Europa da expansão oceânica, mal se pode afiançar que sua atividade veio abrir, por este lado, uma etapa nos processos de colonização e conquista. Mesmo comparada à dos castelhanos, tão aferrados como eles a tudo quanto, sem dado maior, pudesse ainda salvar-se do passado medieval, sua obra ultramarina é eminentemente tradicionalista (HOLANDA, 2010: 445-446).

### **O estilo historiográfico**

Os tropos são espécies de figuras de linguagem, que por sua vez são maneiras de usar palavras, expressões ou pensamentos fora de seu significado próprio. Para Ricardo Marques de Mello (2008: 05) o pressuposto presente em toda figura de linguagem é a existência de um significado próprio, literal nas palavras, expressões ou pensamentos e que a figura de



linguagem representa um desvio ao sentido ou significado original, padrão, no qual uma palavra, expressão ou pensamento foi inicialmente criado.

Para White, o que determina de forma geral os tropos são as relações que se estabelecem internamente no discurso sobre determinados fenômenos. Como explicou Mello (2008: 125) “há uma primeira caracterização do objeto e em seguida um movimento figurativo designando o que aquilo significa. Porém, cada tropo opera esse movimento de modo particular”.

Os quatro tropos – metáfora, metonímia, sinédoque e ironia – servem para compreender a combinação e consistência das estratégias explicativas de um determinado estilo de narrativa historiográfica. Como uma meta-linguagem da historiografia, esses tropos funcionam como um princípio norteador a partir do qual se desenvolvem por extensão as estratégias de explicação narrativa, que são o enredamento, a argumentação e a ideologia.

Na concepção analítica de Hayden White (2008: 51), os historiadores desenvolvem uma impressão explicativa do passado em suas narrativas, para tanto lançam mão de um argumento, de um enredo e refletem em suas escolhas uma ideologia, e todo esse conjunto forma um estilo historiográfico específico. Em nossa análise, o texto de Sérgio Buarque revela uma produção historiográfica com linguagem própria na qual a verdade como horizonte não implicou na imparcialidade como objetivo, da mesma forma que a escrita não é um simples meio, o que reforça seu estilo historiográfico correspondente ao tropo da ironia, uma vez que para White o modo irônico ironia representa um estágio da consciência na qual se reconhece o caráter problemático da própria linguagem.

Na verdade, como nos faz entender White,

Um determinado historiador está inclinado a escolher um ou outro dos diversos modos de explicação, no nível da argumentação, da elaboração de enredo ou da implicação ideológica, em resposta aos imperativos do tropo que informa o protocolo lingüístico que tiver usado para prefigurar o campo de ocorrência histórica selecionado por ele para investigação (WHITE, 2008: 434)

Então, na teoria de Hayden White, os tropos de linguagem funcionam como a raiz a partir da qual se desenvolvem por extensão as estratégias de explicação narrativa. No caso de Buarque de Holanda a visão irônica implicou na escolha de certo estilo de enredamento – satírico –, refletiu na forma pela qual ele organizou os seus argumentos – contextualismo –, permitindo-nos também apontar a ideologia por trás de sua estrutura narrativa – radical.

No fragmento seguinte notamos outra característica interessante do estilo irônico relacionada ao seu predomínio como antítese do estilo romântico:



Os estilos irônicos predominam em geral durante os períodos de guerras contra a superstição, sejam as superstições em questão identificadas como fé religiosa ingênua, o poder da monarquia, os privilégios da aristocracia, ou a auto-satisfação da burguesia. A ironia representa a transição da era dos heróis e da capacidade de crer em heroísmo. Esse anti-heroísmo é o que faz dela a “antítese” do romantismo (WHITE, 2008: 243)

O tempo histórico de que trata a narrativa de *Visão do Paraíso* localiza-se no momento descrito pelo fragmento lido acima. Talvez disso deriva a facilidade com que Buarque de Holanda produziu “ironicamente” o seu discurso. No trecho abaixo, temos uma colocação do autor sobre a relação íntima entre as operações mágicas e a ciência experimental dos séculos XVI e XVII, na qual podemos perceber porque a ironia predomina:

Por mais que um Bacon, por exemplo, tivesse procurado eliminar de seu sistema as fábulas, maravilhas, “curiosidades” e tradições, a verdade é que não logrou sustar a infiltração nele de princípios dotados de forte sabor mágico e ocultista. E embora sem poupar acres censuras à Astrologia, por exemplo, chega a admitir, não obstante, que essa arte há de deburar-se apenas de excessos e escórias, mas não deve ser inteiramente rejeitada. (HOLANDA, 2010: 40)

Esse trecho retirado do primeiro capítulo da obra reflete, entre outras coisas, a existência de uma transição, de uma tentativa de mudança. Se antes do racionalismo predominavam explicações mágicas do mundo, com ele houve tentativas de superar as superstições, porém como demonstrou Buarque de Holanda em sua tese, haveriam aspectos medievais que não desapareceriam com tanta facilidade. Ainda no primeiro capítulo, podemos ler que:

O resultado é que uns, meio desenganados, talvez sem o saber, das promessas consoladoras, e movidos de uma desordenada impaciência, procuram ou já cuidam ter encontrado na vida presente o que os outros aguardam da futura, de sorte que o mundo, para suas imaginações, se converte num cenário prenhe de maravilhas. Aos últimos, porém, o viver cotidiano nem os deixa oprimidos, nem os desata dos cuidados terrenos, e o freio que parece moderar sua fantasia é uma esperança contente e sossegada. (HOLANDA, 2010: 40)

Por fim, a ironia pode também ser definida pela relação de contrariedade estabelecida entre a afirmação no nível literal e o que se espera que seja compreendido no nível figurado. Segundo White (2008: 50), “a tática figurada básica da ironia é a catacrese (literalmente ‘abuso’), metáfora manifestadamente absurda destinada a inspirar reconsiderações irônicas acerca da natureza da coisa caracterizada ou da inadequação da própria caracterização”.

Se observamos novamente a maneira pela qual Buarque de Holanda apresentou em seu



prefácio as diferenças entre as “reais” motivações da colonização inglesa e da colonização portuguesa podemos agora confirmar o estilo historiográfico predominante em sua narrativa. A medida que descreve os dois tipos de colonização, pode-se perceber ironia nos termos “comunidade abençoada” e “riquezas mundanal e beatitude celeste”. Vejamos:

Obedecendo geralmente a um paradigma comum fornecido pelos motivos edênicos, esse quadro admitia, no entanto, duas variantes consideráveis que, segundo todas as aparências, se projetariam no ulterior desenvolvimento dos povos deste hemisfério. Assim, se os primeiros colonos da América inglesa vinham movidos pelo afã de construir, vencendo o rigor do deserto e selva, uma comunidade abençoada, isenta das pressões religiosas e civis por eles padecidas em sua terra de origem e onde enfim se realizaria o puro ideal evangélico, os da América Latina se deixavam atrair pela esperança de achar em suas conquistas um paraíso feito de riquezas mundanal e beatitude celeste, que a eles se oferecia sem reclamar labor maior, mas sim como um dom gratuito (HOLANDA, 2010: 22)

Da forma pela qual prosseguimos com a análise da estrutura narrativa do discurso de Sérgio Buarque de Holanda em *Visão do Paraíso*, concluímos que o seu estilo historiográfico se comporta com as características do modo tropológico irônico. A primeira vista, tomando como referência o quadro sistemático das afinidades entres as estratégias explicativas montado por Hayden White (2008: 44), a escolha pelo tropo da ironia implicaria no enredamento satírico, na argumentação contextualista e na ideologia liberal. Porém em nossa análise classificamos a ideologia predominante como radical ao invés de liberal.

Vale ainda dizer que o próprio White havia alertado para a possibilidades de combinações extras, no sentido tais combinações não são necessárias e invariáveis no discurso de um dado historiador. O próprio Burckhardt, analisado por White (2008: 241) em *Meta-História*, empregou, preponderantemente, um enredo satírico, um argumento formal contextualista e uma implicação ideológica conservadora, quando, pelo quadro das afinidades exposto acima, era de se esperar que a implicação ideológica fosse liberal.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Caminhos e Fronteiras*. 3º Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

\_\_\_\_\_. *Raízes do Brasil*. 26ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

\_\_\_\_\_. *Visão do Paraíso*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

MELLO, Ricardo Marques de. *Teoria do Discurso Historiográfico de Hayden White: Uma Introdução*. Revista OPSIS. Catalão: Universidade Federal de Goiás, campus Catalão, curso



de História, v. 8, n.11, junho/dezembro de 2008. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/Opsis/issue/view/800>>. Acesso em: dezembro de 2010.

NOVAIS, Fernando. Sérgio Buarque de Holanda, Historiador. In: *Sérgio Buarque de Holanda. 3º Colóquio UERJ*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1992. Série Diversos.

WHITE, Hayden. *Meta-História: A imaginação Histórica do século XIX*. Tradução de José Laurêncio de Melo. 2º Ed. São Paulo: Editora da USP, 2008.